



REESCRITAS POÉTICAS: CORDÉIS DA AMAZÔNIA ORIENTAL

Autores: Larissa da Silva Sousa¹; Hiran de Moura Possas (Coordenador do Projeto)²; Adriana de Araújo dos Santos³; Mônica Vasconcelos⁴

Palavras Chave: Literatura “subalterna”; Marabá; Cordéis; Artistas das bordas.

1. INTRODUÇÃO

Do número imensurável de experiências artísticas ignoradas e desdenhadas pela arrogância e pela indolência de boa parte dos pensamentos ocidentais, os artistas das bordas, quando mencionados nos espaços acadêmicos, ganham abordagens depreciativas associadas ao exótico, ao primário e ao popular, as manifestações literárias populares – orais e escritas – constituem um fato evidente, no cenário da literatura nortista. No entanto, os pesquisadores não têm voltado sua atenção para o assunto, os cantares populares, na opinião de Manuel Diegues Júnior (1973), são de origem da Península Ibérica e encontraram, no Brasil, um ambiente fértil para o seu desenvolvimento, principalmente, na região nordestina. Neste caso, depreende-se que fatores como: o meio social, o tempo, a psicologia do povo e a criatividade poética motivaram o aparecimento das produções locais, adaptadas da forma original, mas também apresentando características próprias. Na opinião de Luiz Tavares Jr. (1980), essas produções literárias populares apresentam componentes históricos que são reatualizados, através dos temas eleitos pelos próprios poetas de cordel. Argumenta, o escritor, que não se deve contrapor essas composições poéticas à chamada literatura erudita, mas considera-la como uma variável dinâmica que se constrói, por meio da palavra. A pesquisa objetiva fazer um estudo das manifestações da literatura chamada de popular – oral e escrita, sob a forma de cantigas e de desafios adaptados ao contexto da Amazônia Oriental paraense, mais precisamente, a partir do município de Marabá, região sudeste do Estado do Pará para onde convergiu um grande número de migrantes, dentre eles, especialmente os do Nordeste brasileiro

¹ E-mail: lariiss88@gmail.com. Bolsista PIBIC/CNPq.

² Professor FECAMPO – ICH. Doutor em Comunicação e Semiótica PUC/SP.

³ Bolsista voluntária (ILLA).

⁴ Bolsista voluntária (FECAMPO).

2. METODOLOGIA

O primeiro passo realizado foi o levantamento bibliográfico da literatura existente acerca das manifestações poéticas populares, orais ou escritas. Esse material, depois de lido foi fichado, afim de servir de base para a análise dos dados que foram cartografados, no campo de pesquisa. Após, trabalhamos: - cartografia do maior número possível de folhetos de literatura de cordel e de trovas. - gravação das manifestações orais, como desafios e trovas - levantamento e registro de um número considerável de trovadores – homens e mulheres. – foram realizadas entrevistas com pessoas da comunidade de Marabá, a fim de sondar a recepção dos textos orais e escritos, por parte do público leitor e ouvinte. Em fase posterior,; - análise das gravações das produções orais – trovas e desafios, onde foram observados os temas mais expressivos presentes: humor, crítica, pessoal, política e social. - análise estilístico-literária dos textos escritos dos folhetos – temas, metro, rima, ritmo e cadência.

3. RESULTADOS

O cordel, ao chegar em Marabá, recebe a cada dia a insurgência criativa de seus artífices, especialmente em termos estéticos, decorrente da entrada de ferramentas gráficas e tecnológicas dialogantes com as mais recorrentes, como a xilogravura. A cidade tem se descoberto berço e acolhida de vários autores divididos em seus quatro núcleos habitacionais: Velha Marabá, Cidade Nova, São Félix e Nova Marabá. Fazer Arte e pesquisa nos espaços fronteiriços ou simplesmente pelas bordas representa, para esse exercício parcial, experimentação subversiva e tentativa de ruptura epistêmica estratégica, a partir da inserção de humanidades e suas culturas recheadas de sentidos tencionadas com os processos recolonizadores do poder, do saber e do ser, como seria o caso, em grande medida, dos espaços acadêmicos estéreis de sensibilidade ao outro historicamente “espoliado”. Essas manifestações artísticas constituem cena cultural recorrente na literatura “nortista”, no entanto, alguns pesquisadores ainda não dispõem de sensibilidade suficiente, para reconhecer os meandros e o belo nessas estéticas subalternas-resistentes. Talvez seja nossa tarefa abrir passagens para outras alteridades, mesmo que para isso exista uma polissemia de ações. A partir dessa pesquisa, renovada em 2016/2017, outros espaços deverão revelar nichos artísticos, isso pela tentativa de realização de um apurado exercício de escuta, agora com artistas também da Palestina do Pará, do distrito de Brejo do Meio (Marabá) e de Brejo Grande do Araguaia.

No momento, o projeto está sistematizando entrevistas em conjunto com folhetos de cordel advindos das regiões em pesquisa. Considera os artistas elencados, coautores, o que de

maneira inicial e embrionária tenta-se diminuir o histórico fosso construído entre os saberes subalternos e os saberes acadêmicos.

4. CONCLUSÃO

Experiências artísticas de diversos âmbitos são frequentemente abordadas de forma depreciativa no espaço acadêmico, uma delas é a literatura de cordel, que é sempre vista como exótica, primária e popular. Não pretendemos, de forma alguma, com nossa pesquisa, desconstruir paradigmas ou algo do tipo, porém, levar ao conhecimento da comunidade acadêmica que essa manifestação literária pode ser vista e estudada em suas diferentes faces.

Trazendo uma oportunidade de conhecer as variáveis sociológicas e literárias, as produções artísticas e a arte através da história oral. O campo de estudo é bastante vasto e composto por diversas facetas. Com o fim de voltar a atenção do assunto para futuros pesquisadores, tentaremos fazer o máximo de divulgação do projeto, procurando mostrar o caráter histórico-sócio-cultural que estão envolvidas essas manifestações artísticas.

REFERÊNCIAS

- JÚNIOR, Luiz Tavares. O mito na literatura de cordel. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.
- JÚNIOR, Manuel Diegues. Ciclos temáticos na literatura de cordel – tentativa de classificação e de interpretação dos temas usados pelos poetas populares. Rio de Janeiro. Casa de Rui Barbosa, 1973.